

DE SLAVOJ ŽIŽEK À ALAIN BADIOU: UMA BREVE REFLEXÃO A RESPEITO DA HIPÓTESE COMUNISTA¹

*FROM SLAVOJ ŽIŽEK TO ALAIN BADIOU:
A REFLECTION ABOUT THE COMMUNIST HYPOTHESIS*

Rodrigo Braz Carlan² e Diego Carlos Zanella³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender, por meio de uma revisão bibliográfica, os prismas teóricos do filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek acerca da sociedade capitalista, bem como, em um segundo momento, fomentar o comunismo como saída para o processo sócio histórico vigente conforme o pensamento dos filósofos Alain Badiou e Pierre Dardot. Assim, é necessário identificar os atravessamentos que o capitalismo promove na vida social, tendo em vista as profundas consequências que o referido sistema promove. Logo, é possível apresentar o comunismo como solução teórica, de modo que alcançar a experiência comunista, sobreleva, o comum a todos.

Palavras-chave: capitalismo, comum, comunismo.

ABSTRACT

The aim of this paper is to understand, through a bibliographical review, the theoretical prisms of the Slovenian philosopher and psychoanalyst Slavoj Žižek about capitalist society, and, secondly, to foster communism as an outlet for the socio-historical process in force according to the thought of the philosophers Alain Badiou and Pierre Dardot. Thus, it is necessary to identify the crossings that capitalism promotes in social life, in view of the profound consequences that the system promotes. Therefore, it is possible to present communism as a theoretical solution, so that to reach the communist experience, it surpasses, the common to all.

Keywords: capitalism, common, communism.

¹ Trabalho oriundo da pesquisa realizada para a dissertação de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens.

² Graduado em Psicologia. Mestrando em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana (UFN). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rodrigocarlan@hotmail.com

³ Orientador. Doutor em Filosofia, Docente do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana (UFN). E-mail: diego.zanella@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em tempos de um sistema capitalista perverso, o ser humano situa-se em meio a um deserto político/econômico, no qual, colocado no centro de uma posição singular, encontra-se em um difícil impasse. Alguns, muito tem, outros, tão pouco. Dessa forma, os leitores do filósofo esloveno Slavoj Žižek (1949 -) percebem que a saída final para esse assustador hiato, contém, um importante vértice para a hipótese comunista.

Dessa forma, dúvidas pertinentes eclodem com as proposições zizekianas, na medida em que, o sistema comunista, de acordo com o processo materialista histórico, se finda com a ausência das lutas de classes, de modo que, é possível afirmar que ao fim do capitalismo esse processo alcança um ponto zero apocalíptico⁴. Destaca-se então, que as proposições de Žižek (2015, p. 35), não buscam apenas revelar o que deu errado no capitalismo, mas, sobretudo, considerar que “o comunismo continua sendo o horizonte, o único horizonte, [...] - uma espécie de mensuração imanente daquilo que deu errado”.

Concomitantemente, o filósofo e dramaturgo francês Alain Badiou (1937-) questiona o que remanesceu dos filósofos contemporâneos, na medida em que, na história da humanidade, a filosofia comunista, isto é, uma filosofia que escape à cobiça do Bem absoluto, fracassou totalmente. Desse modo, conforme Badiou (2016, p. 9) “é por isso que devemos refletir sobre a noção do fracasso. O que significa exatamente “fracassar”, quando se trata de uma sequência da história.

Logo, o objetivo desse artigo é discutir por meio de uma revisão bibliográfica, as concepções acerca do comunismo para Slavoj Žižek, Alain Badiou e Pierre Dardot, bem como, refletir a respeito das proposições apresentadas pelos autores, para o atual sistema capitalista. Dessa forma, justifica-se esse trabalho, devido a hipótese comunista eclodir nos dias atuais. A promoção da universalidade política escapa do escopo singular do capital, de modo que, atravessar o campo subjetivo humano por intermédio da política promove o bem comum social.

UMA BREVE CONCEITUALIZAÇÃO DA TEORIA DE SLAVOJ ŽIŽEK

Até o presente momento, o filósofo e psicanalista esloveno, contém vinte e cinco obras publicadas no Brasil. Desta forma, aqui apresentar-se-á de forma sucinta, alguns conceitos zizekianos para melhor descrever o atual processo em que a humanidade se encontra imersa.

De acordo com Žižek (2015), o atual sistema sócio histórico, atinge seu ápice evolutivo, isto é, o sistema capitalista das décadas de guerra, humilhação, fome e bombardeios reduziram a humanidade há um objeto mercantil. É importante destacar que para o autor esse sistema é o único capaz de destotalizar o significado, ou seja, não existe propriamente uma “visão capitalista” ou uma

⁴ Na obra “Vivendo no fim dos tempos”, Žižek (2012) utiliza do termo bíblico do apocalipse, tendo em vista que, busca descrever o ápice evolutivo do capitalismo nos últimos tempos.

“civilização capitalista”, na medida em que, o referido sistema pode se metamorfosear em todas as civilizações, “da cristã à hindu ou budista, do ocidente ao oriente (ŽIŽEK, 2015, p. 14).

Desse modo, a dimensão radical do capitalismo só pode ser conceituada no espectro de uma verdade sem significado, na qual, aponta Žižek (2015), o Real é o mecanismo do mercado global. Destaca-se que a temática do Real nas obras zizekianas, encontram-se profundamente relacionadas com a teoria lacaniana, na medida em que, para Lacan (1901-1981), o Real localiza-se no cerne da sexualidade humana.

Nesse viés, Žižek (2015), explica que a busca sistemática por objetos (objetos de mercantilização), se relaciona intrinsecamente com a sexualidade. A busca constante por prazer atinge em determinado momento seu clímax, e, a posteriori, frente ao processo da compulsão a repetição, o homem novamente busca alcançar o gozo. Logo, não seria essa uma das características peculiares do capitalismo? Segundo Žižek (2015), não há dúvidas que sim, na medida em que, a busca pelo acúmulo de capital é um processo análogo ao sexo.

Contudo, Žižek (2010, p. 82) propõem que como a sexualidade humana é marcada por um fracasso irreduzível, “[...] a diferença sexual é o antagonismo das duas posições sexuais entre as quais não há denominador comum, o gozo, só pode ser obtido contra o plano de fundo de uma perda fundamental”. Assim, o animal humano que perde constantemente na sociedade capitalista, busca sistematicamente a conquista do prazer, de modo que, esse movimento retroalimenta o próprio sistema.

Para Carlan e Zanella (2017), a perversidade sexual capitalista entremostra sujeitos zumbificados. Essa temática é abordada no cinema hollywoodiano bem como em obras zizekianas, por indivíduos que, independentemente dos meios para a busca do prazer, não medem esforços para alcançá-lo. Assim sendo, nesta procura constante pelo gozo, os indivíduos, agora mortificados e desprovidos de sentido, perambulam como zumbis pelo campo político, histórico e social.

Nesse sentido, para Žižek (2015), as manifestações em combate à ferocidade do capitalismo repetem uma cena anteriormente assistida. Uma cena não tão distante do espectro ocular humano: a Revolução Russa (1917). É possível questionar se o comunismo desponta outra vez. Desse modo, o filósofo esloveno, juntamente com o companheiro teórico Alain Badiou, considera que um sistema político/econômico universalista é a única alternativa teórica frente ao processo singular do capital.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa consta como material de pesquisa o humano, na medida em que se perscruta suas relações sociais. Desse modo, é possível afirmar que o método presente na supracitada pesquisa consiste em uma pesquisa de cunho bibliográfico no espectro narrativo.

A HIPÓTESE COMUNISTA NA ATUALIDADE

[...] encontramos quase inalterados todos os argumentos do anticomunismo norte-americano dos anos 1950: os regimes socialistas são despotismos infames, ditaduras sanguinárias; dentro da ordem do Estado, devemos opor a esse “totalitarismo” socialista a democracia representativa, que é imperfeita, sem dúvida, mas é de longe a forma menos ruim de poder; dentro da ordem moral, filosoficamente a mais importante, devemos pregar os valores do “mundo livre”, cujo centro e fiador são os Estados Unidos (BADIOU, 2016, p. 1).

No ano de 2008 a crise do sistema capitalista eclodiu. Eventos como o Occupy Wall Street⁵, evidenciaram que o automatismo do lucro condena a barbárie social. Nessa perspectiva, hipóteses foram pensadas e uma delas foi a comunista, na medida em que, o referido sistema luta contra a propriedade privada capitalista, isto é, em termos zizekianos, a humanidade não pode ser compreendida como uma mercadoria.

Porém, essa ideia não nos causa nenhum estranhamento, na contemporaneidade, “ser capitalista significa ocupar uma posição não somente pessoal, mas também social (MARX; ENGELS, 2014, p. 49)”. O Capital, consiste em ser um produto coletivo onde é capaz de direcionar-se pela atividade comum. Na civilização atual, a aquisição e acúmulo de capital, é uma simbologia análoga à realização pessoal, de modo que, historicamente, a ideia do comunismo é entendida (informalmente), ou até mesmo concebida como um sonho utópico, onde, militantes vestidos com camisetas do *Che Guevara* defendem com unhas e dentes seus ideais.

No entanto, é importante escapar desses argumentos retóricos, bem como, da democracia propagandista burguesa que forja agressivamente a sociedade contemporânea desigual. Nesse mesmo viés, Dardot (2017, p.11) salienta o enfraquecimento da classe salariada organizada, bem como, da profunda expansão do ódio xenofóbico e nacionalista, elementos que “nos levam a perguntar se existem ainda forças sociais, modelos alternativos, modos de organização e conceitos que deem esperança para além de um capitalismo”.

De acordo com, Badiou (2016, p. 8), “hoje, essa aparelhagem propagandista burguesa tem pouco valor, por diversas razões; a principal é que não existe mais nenhum Estado poderoso que reivindique para si o comunismo”. Segundo Dardot (2017), o corpo social do século XXI, é caracterizado pela destruição da humanidade pela própria humanidade, onde, a pressão do capitalismo é direcionada por políticas de concorrência e pela regulagem das relações interpessoais baseadas na lógica da superação e do desempenho ilimitado. O corolário atual, é que não existe a possibilidade de credibilidade em uma ideia a qual seus ideais são compartilhados nas metrópoles industriais, tanto pelos operários como intelectuais.

É significativo destacar que, historicamente, os regimes sócio/políticos/econômicos são marcados tradicionalmente pela luta de classes, isto é, a burguesia intelectual versus o proletariado embrutecido.

⁵ Occupy Wall Street foi um movimento de protesto, iniciado em 17 de setembro de 2011, que buscou lutar contra a desigualdade econômica e social no governo dos Estados Unidos da América.

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, metre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua, ora velada, ora aberta, luta que a cada etapa conduziu a uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou ao aniquilamento das duas classes em confronto (MARX; ENGELS, 2014, p. 23).

Á vista disso, o que diferencia a contemporaneidade de toda e qualquer outra civilização, é que em nossa época absurdamente capitalista, a sociedade inteira divide-se em dois enormes blocos essencialmente opostos. Porém, com o auxílio do Estado, a acumulação frenética e imperialista do Capital transforma a sociedade, as relações sociais e a subjetividade em sistemas de normas econômicas que alimentam o perverso campo do mercado com profundas desigualdades, vulnerabilidade social e exílio democrático (DARDOT, 2017).

Dessa forma, Marx e Engels (2014, p. 47) compreende que o comunismo é um partido aparte dos outros partidos existentes, na medida em que, para o pensador alemão, os interesses dos partidos capitalistas são diferentes dos ideais do proletariado. Todavia, o objetivo do partido comunista, sobretudo, consiste na derrubada da dominação burguesa, de modo que viabilize a conquista do poder pela classe trabalhista.

É válido destacar que o, regime comunista, eclodiu na Revolução Russa, tendo em vista que, a referida revolução, foi marcada pela vertiginosa dominação dos Czares, na qual, grande parcela da população, ou melhor dizendo, uma parcela significativa não possuía liberdade de expressão. Não obstante, frente ao processo de industrialização e modernização, o movimento operário aliado às rebeliões camponesas fomentou a fundação de organizações políticas (marxistas) que buscavam dissolver o processo vigente.

Embora, essa temática promova discussões efervescentes, a importância da teoria marxista avulta-se, na medida em que, de acordo com Badiou (2016), Marx estava absolutamente correto em apontar que, na singularidade de uma ação de mobilização das massas, um objetivo social dissolve o regime da propriedade privada que transforma todo e qualquer objeto em mercadoria. Nesse ponto específico, Badiou é um forte parceiro teórico de Žižek, na medida em que, buscam destacar a importância da luta pelo que é comum a todos.

Destaca-se que a temática do comum, não designa apenas o ressurgimento dos ideais comunistas, mas, a eclosão de uma alternativa, ou melhor dizendo, uma nova forma de contestar o capitalismo ou de até mesmo acreditar em sua superação. Sendo assim, o comum, também é uma alternativa de negar o comunismo de Estado, isso significa que, o proletariado não deve apenas tornar-se proprietário dos meios de produção e de administração, mas sim, deve atuar como mecanismo que “ameaça o gozo da propriedade privada (DARDOT, 2017, p. 18)”.

De acordo com Dardot (2017, p. 24), a literatura etnológica pode contribuir muito acerca dessa temática, na medida em que, o termo comunismo possui raiz etimológica na expressão *mutuum*, na

qual, deriva de *mumus*. A singularidade dessas expressões, reside no caráter político/coletivo da ação, isto é, prestações e contraprestações referente a um lugar, como no termo *municipium* que expressa a ação política dos *municipies*.

Dessa forma, é possível inferir que as expressões *communis*, *commune*, *communia* e *communio*, todos formulados a partir da articulação entre *cum* e *munus*, designam, sobretudo, não somente o que está “posto em comum”, porém, os que tem encargos em comum. Portanto, a ação comum do comunismo, são as relações recíprocas e interligadas para a execução da responsabilidade pública.

Nessa perspectiva, Marx (2014) já apontava que, é importante equiparar as dicotomias presentes no capitalismo, desde uma combinação entre o trabalho agrícola e o industrial, de modo que, seja possível fomentar a eliminação do distanciamento entre cidade e o campo. À vista disso, dissolver as diferenças entre as classes, ou seja, promover um bem comum a todos, sobreleva que o poder público não perca seu caráter político, bem como, torne possível suprimir as relações perversas de produção.

De certa forma, Žižek (2015), fomenta que as problemáticas atuais necessitam das mesmas soluções teóricas propostas por Marx, na medida em que, na defesa da ecologia, dos imigrantes, dos sem direitos alguns, bem como, da propriedade intelectual, é possível escapar do espectro da propriedade privada. Entretanto, apenas constatar os mecanismos do maquinário propulsor capitalista em nada resulta, isto é, mesmo com as revoluções e a propriedade privada “expropriada” o capitalismo se restaurou (BADIU, 2016, p. 12).

Assim sendo, Žižek (2011) considera importante, não promover na perspectiva comunista, uma interpretação kantiana, isto é, não se deve fomentar no sistema supracitado uma ideia reguladora, de modo que, considera-lo como um mecanismo normativo é ressuscitar o “socialismo ético”, no qual, “[...] considera a igualdade seu axioma-norma a priori” (ŽIŽEK, 2011, p. 80). Porém, “devemos antes manter a referência precisa a um conjunto de antagonismos sociais reais que geram a necessidade de comunismo” (ŽIŽEK, 2011, p. 80).

Dessa forma, o desafio ético-político contemporâneo, converge com o reconhecimento de que absolutamente toda a humanidade é excluída, ou seja, para Žižek (2011, p. 84) o homem contemporâneo, é inerte tanto de sua natureza como de sua substância simbólica. É importante destacar que nesse aspecto, o filósofo esloveno, refere-se ao conceito de substância presente na teoria hegeliana, na medida em que, para o filósofo alemão, substância é em si mesma a consciência humana.

Nessa acepção, para Žižek (2011), a proletarização capitalista tem como característica a negação de todo e (ou) qualquer artefato subjetivo. Por esse ângulo, nos textos zizekianos a virada teórica é eminente, na medida em que, o autor aproximar-se de uma definição elementar de comunismo, na qual inicialmente é necessário retornar à teoria kantiana. Assim,

quando se diz, do ponto de vista cristão, que “não há grego nem judeu, não há homem nem mulher”, Paulo afirma com isso que as raízes étnicas, a identidade nacional etc. *não sou*

nenhuma categoria na verdade ou em termos kantianos precisos, quando refletimos sobre nossas raízes étnicas, dedicamo-nos ao *uso privado da razão* (ŽIŽEK, 2011, p. 92).

A partir disto, para Žižek (2011), o capitalista contemporâneo opera como um ser pueril e não como um homem livre, tendo em vista não se posicionar na dimensão da universalidade da razão. Contudo, o espaço público para Kant, em Žižek, exemplifica que o “paradoxo da singularidade universal, do sujeito singular que, numa espécie de curto circuito, contornando a mediação do particular, participa diretamente do universal” (ŽIŽEK, 2011, p. 92).

Segundo Žižek (2011), o âmbito público é amplamente inverso ao particular, de modo que, as relações individuais são opostas às relações comunitárias. Isto é, o homem contemporâneo, participa da dimensão universal rigorosamente extraído das assimilações comunitárias. Desse modo, fica evidente que, em “*Primeiro como Tragédia, depois como farsa*”⁶, a ideia comunista começou em Kant, visto que, na ação do deslocamento da razão privada para a pública, o homem, universaliza-se com o meio individualizado que o circunda.

Contudo, “há algo único na constelação de hoje” (ŽIŽEK, 2011, p. 108), na medida em que, Badiou (2016), reconhece a peculiar capacidade ontológica do capitalismo, bem como, sua dinâmica que esfacela toda e qualquer estrutura de representação alternativa. Comumente, a tarefa dita como “alternativa”, é a sustentação de um estado político-crítico, os chamados esquerdistas, como saída para o poder do Capital, porém, o “[...] objetivo da política emancipatória deveria ser o extremo oposto de seu *modus operandi* “tradicional”; a tarefa hoje é formar um novo mundo, propor novos “Significantes-Mestres”⁷” (ŽIŽEK, 2011, p. 109).

Dessa forma, o comunismo é uma ideia eterna, que aparece de tempos em tempos, na medida em que, “[...] quando se fala de ideias que revolucionam uma sociedade inteira, exprime-se com isso apenas o fato de que, no âmago da antiga sociedade, se engendram elementos de uma nova sociedade” (MARX, 2014, p. 57). Segundo Badiou (2016), o presente momento, é o ideal para tentar novamente a hipótese comunista, posto que, com a assistência das proposições propostas fracassadas no passado, a sociedade contemporânea, possa persistir e prospectar uma nova organização social.

Nesse sentido, Žižek (2013) descreve que o comunismo fracassou, em última instância, porque sua natureza consistiu em ser capitalista, isto é, concerniu em uma forte “tentativa ideológica de ‘obter o melhor dos dois mundos’, de romper com o capitalismo, mas manter seu ingrediente principal” (ŽIŽEK, 2013, p. 100). Assim sendo, para que a ideia comunista desponte, é importante que, a água suja do capitalismo seja jogada fora, para que a flor do comunismo possa brotar. Dessa forma, para o filósofo esloveno, a noção marxiana de sociedade comunista é em si

⁶ Obra zizekiana, aclamada pela crítica britânica, que interpretou o colapso financeiro americano de 2008.

⁷ Em Žižek (2011) correlaciona-se Significante-Mestre com a figura do “Espírito Absoluto” hegeliano, de modo que, em Hegel (1770-1831), o espírito absoluto caracteriza-se como ideia norteadora do objeto. Logo, o filósofo esloveno, também correlaciona a referida temática com a figura do “significante mestre”, isto é, algo que representa o sujeito atravessado e determinado pela ação do capitalismo.

absolutamente aparte da fantasia capitalista, ou seja, é um cenário amplamente espectral para as resoluções das dicotomias capitalistas.

Em outras palavras, nossa aposta é que, mesmo que abandonemos a noção teológica de comunismo (a sociedade da produtividade totalmente livre) como o padrão implícito pelo qual Marx mede a alienação da sociedade existente, a maior parte da sua “crítica da economia política”, seus insights a respeito do círculo vicioso autopropulsionado da (re)produção capitalista sobrevivem (ŽIŽEK, 2013, p. 100).

Para Badiou (2016), é evidente que os capitalistas não conseguem comprovar que o “seu” sistema é qualificado para melhorar a vida da humanidade, isto é, não conseguem estabelecer uma sociedade que tenha a capacidade de englobar a todos. No entanto, o intransitável empecilho do século XXI, consiste, na patológica simbiose entre partido e Estado, tendo em vista que, o partido é uma instituição fundamental para o Estado.

Dessa forma, na contemporaneidade, a peculiar cisão entre Estado e partido necessita ser feita. Nas obras de Marx, como já é sabido, a luta entre o Estado e o Partido foi uma característica fundamental, de modo que, hoje uma forte e incisiva pergunta necessita ser feita. O Estado é independente de seus partidos políticos? Com o uso exagerado do sarcasmo, Žižek (2011, p. 72), responde a essa questão “Você não entende? Na verdade, tudo é dinheiro, poder e sexo [...]” de modo que, as políticas do partido-Estado friccionam o falo freneticamente, na qual, alguém sempre goza mais, e, nunca é o povo.

À visto disso, de acordo com Badiou (2016) e Žižek (2011), o dever é: a revolução. Os revolucionários movimentos socioculturais, podem oportunizar que, as massas, não ocupem lugares fixos e tão pouco o lugar do Estado, ou seja, frente ao uso democrático do voto; o gozo do poder Estado/Capital seja suficiente para universalizar a experiência comunista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sistema sócio histórico capitalista, a naturalização da perversidade social é característica nas últimas décadas, de modo que, fica evidente com a divisão da promoção de condições, que o favorecimento é apenas à alguns indivíduos. Dessa forma, ao centro dessa dicotomia, o sujeito totalmente desnudo e completamente alienado não percebe sua condição, tão pouco, compreende as proporções políticas que o circundam.

Desse modo, o filósofo esloveno, busca construir e projetar um conceito de homem como centro, por vezes, ausente na sua percepção social. Logo, destaca-se que para Žižek (2015) as proporções ideológicas e políticas da sociedade contemporânea se encontram amplamente tangenciadas pela condição sexual humana.

Em vista disso, as demais crises financeiras que acometeram inúmeras nações nos últimos tempos, demonstraram sobretudo que, o que realmente encontra-se em colapso é a condição humana e política da sociedade. Dessa forma, os filósofos Žižek (2015), Badiou (2016) e Dardot (2017) apontam a hipótese comunista como solução para a problemática em questão.

Para o filósofo francês, inicialmente, é importante discutir o fracasso do sistema comunista, na medida em que, nos dias atuais não existe nenhuma nação poderosa suficientemente para reivindicar esse sistema. Desse modo, tanto Dardot como Badiou destacam a relevância do que é comum a todos, isto é, uma política que contemple a universalidade da nação.

Contudo, nesse aspecto, o retorno a teoria kantiana é imprescindível, na medida em que, de acordo com Žižek (2015), no instante do uso público da razão o ser humano transpassa da individualidade capitalista para a universalidade comunista, de modo que, nesse viés é possível prospectar soluções sócio/políticas abrangentes e não somente econômicas.

Assim, é importante que o horizonte (político) permaneça comunista, tendo em vista que, imaginar o comum a todos também é promover a eclosão de sentido social na sociedade atual. Dessa forma, é possível concluir que as proposições de Žižek, Badiou e Dardot buscam a pluralidade, tal como, a emancipação do sujeito frente aos processos que o enjaulam e não possibilitam a criação de novos discursos.

REFERÊNCIAS

BADIOU, A. **A hipótese comunista**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

CARLAN, R.; ZANELLA, D. C. Hegel como prisma de um diagnóstico zizekiano acerca da sociedade capitalista. **Litterarius: Revista de Filosofia e Teologia**, v. 16, n. 2, p. 1-9, 2017. Disponível em: <http://fapas.edu.br/revistas/litterarius/>. Acesso em: 6 nov. 2018.

DARDOT, P. **Comum**: ensaio sobre a revolução do século XXI. Tradução Mariane Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

ŽIŽEK, S. **Como ler Lacan**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, S. **Primeiro, como tragédia, depois como farsa**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

ŽIŽEK, S. **Menos que nada**: Hegel e a sombra do materialismo dialético. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, S. **Problema no paraíso**: do fim da história ao fim do capitalismo. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.